

Um

## O Big Silver

Tal como Orson Welles nos disse, se o que queremos é um final feliz, tudo irá depender do ponto em que damos a história por terminada. Certa noite de janeiro, estava a comer arroz de coco e peixe num bar na costa caribenha da Colômbia. Um americano, bronzeado e tatuado, estava sentado à mesa ao lado da minha. Era um homem de quarenta e muitos anos, com grandes braços musculados e cabelo grisalho puxado para trás e apanhado num rolo. O homem estava a conversar com uma jovem inglesa, de uns dezanove anos, talvez, jovem essa que tinha até então estado sentada sozinha a ler um livro, mas que, após alguma hesitação, acabara por aceitar o convite para se juntar a ele. A princípio, era apenas ele que falava. Passado algum tempo, ela acabou por interrompê-lo.

A conversa dela era interessante, intensa e estranha. Contava ao homem que tinha feito mergulho no México e que, depois de ter estado vinte minutos debaixo de água, viera à superfície e deparara com uma tempestade. O mar tornara-se um turbilhão e ela ficara ansiosa com a perspectiva de não conseguir regressar ao barco. Embora a sua história fosse sobre ter regressado à superfície após um mergulho e ter

acabado por descobrir que o tempo mudara, não deixava também de se referir a uma espécie de sofrimento não revelado. Ela deu-lhe algumas pistas que apontavam nesse sentido (havia uma pessoa no barco que ela achava que devia ter ido em seu socorro), e depois olhou-o de relance para verificar se ele se tinha apercebido de que ela estava a falar da tempestade de uma forma dissimulada. O homem, por sua vez, não se mostrou muito interessado, e a forma como mexia os joelhos provocou um solavanco na mesa que acabou por fazer com que o livro dela fosse parar ao chão.

O homem disse: “Tu falas muito, não é?”

Ela pôs-se a pensar nisto, enquanto os seus dedos penteavam as pontas do seu cabelo e ia observando dois adolescentes que vendiam cigarros e t-shirts de futebol a turistas na praça calcetada. Não era propriamente fácil transmitir àquele homem, bastante mais velho do que ela, que o mundo era também o mundo dela. Ele correrá um risco ao convidá-la para se juntar à sua mesa. Afinal de contas, ela acedera ao convite com uma vida e uma libido próprias. Não tinha ocorrido àquele homem que talvez ela pudesse não se considerar a si mesma como uma *personagem secundária* e a ele como a *personagem principal*. Neste sentido, ela tinha perturbado o equilíbrio do que era antes uma linha divisória, tinha provocado o colapso de uma hierarquia social, rompido com os rituais do costume.

Ela perguntou-lhe o que é que ele estava a tirar da sua taça com *nachos*. Ele disse-lhe que era ceviche, peixe cru marinado em sumo de lima, algo que estava indicado na versão em inglês da ementa como *sexvice* — “Vem com preservativo”, disse ele. Quando ela sorriu, pude certificarme de que ela estava a tentar ser uma pessoa mais corajosa do que se sentia, alguém que pudesse viajar livremente por

sua conta e risco, ler um livro e bebericar uma cerveja sozinha num bar à noite, alguém que pudesse arriscar ter uma conversa incrivelmente intrincada com um estranho. Aceitou a oferta dele para provar aquele ceviche, depois esquivou-se à sua proposta de se lhe juntar para um mergulho à noite numa parte isolada da praia da localidade, parte essa que, conforme ele lhe garantiu, ficava “longe das rochas”.

Após algum tempo, o homem disse: “Não gosto de mergulho. Se tivesse de ir mesmo lá ao fundo, seria para encontrar ouro.”

“Ah”, disse ela. “É curioso dizeres isso. Estava a pensar que o meu nome para ti seria o Big Silver.”

“Porquê Big Silver?”

“Era assim que se chamava o barco de mergulho.”

Ele abanou a cabeça, desconcertado, e desviou o olhar fixo do peito dela para a placa luminosa que indicava a saída por cima da porta. Ela voltou a sorrir, contudo não era um sorriso sincero da sua parte. Acho que ela sabia que teria de acalmar a turbulência que trouxera consigo do México até à Colômbia. Decidiu retirar o que tinha dito.

“Não, Big Silver por causa do teu cabelo e do pírcingue que tens por cima da sobancelha.”

“Sou só um andarilho”, disse ele. “Ando à deriva por aí fora.”

Ela pagou a sua conta e pediu ao homem que apanhasse o livro que ele tinha feito cair ao chão, o que significava que teria de se baixar e alcançar o livro debaixo da mesa, arrastando-o depois para si com o pé. Isto levou ainda algum tempo, e quando ele voltou a aparecer com o livro na mão, ela não se mostrou nem agradecida nem descortês. Limitou-se apenas a dizer: “Obrigada.”

Enquanto a empregada recolhia os pratos empilhados ainda com restos de patas de caranguejo e espinhas, acudiu-me à lembrança a frase de Oscar Wilde: “Sê tu próprio; todos os

outros já estão ocupados.” No caso dela, isto não era exatamente verdade. A jovem teria de tentar ser alguém que possuísse liberdades que o Big Silver tomava por garantidas — afinal de contas, o homem não tinha qualquer problema em ser ele próprio.

*Tu falas muito, não é?*

Falarmos da nossa vida conforme nos apetece é uma liberdade que na maior parte dos casos optamos por não tomar, e contudo pareceu-me que as palavras que a jovem queria dizer estavam bem vivas no seu íntimo, tão misteriosas para si como para qualquer outra pessoa.

Mais tarde, quando estava a escrever na varanda do meu hotel, ocorreu-me como ela tinha encorajado o viajante Big Silver a ler nas entrelinhas do seu sofrimento não revelado. Podia ter parado de contar a sua história ao descrever as maravilhas de tudo quanto tinha visto nas profundezas do mar sereno antes da tempestade. Teria sido um final feliz, esse, e contudo ela não se ficou por aí. Ela estava a fazer ao homem (e a si mesma) uma pergunta: Achas que fui abandonada por aquela pessoa que estava no barco? O Big Silver era o leitor errado para a sua história, e contudo, ao tomar todos os aspetos em consideração, concluí que ela poderia ser a leitora certa para a minha história.

Dois

## A Tempestade

Tudo estava calmo. O sol brilhava. Eu nadava nas profundezas. E depois, ao regressar à superfície, vinte anos mais tarde, deparei com uma tempestade, um turbilhão, um temporal tremendo que fazia as ondas erguerem-se por cima da minha cabeça. A princípio, não tinha a certeza de que conseguiria regressar ao barco, e depois apercebi-me de que não queria regressar ao barco. É suposto que o caos seja aquilo que mais receamos, contudo, com o tempo, acabei por acreditar que talvez seja aquilo que mais desejamos. Se não acreditamos no futuro que estamos a planear, em que se incluem a casa que hipotecámos e a pessoa que dorme ao nosso lado, é possível que uma tempestade (à espreita há muito por entre as nuvens) nos possa aproximar do modo como queremos estar no mundo.

A vida vai por água abaixo. Procuramos controlar-nos e manter-nos firmes. E depois apercebemo-nos de que não nos queremos manter firmes.

Quando andava por volta dos cinquenta, numa altura em que supostamente a minha vida deveria acalmar, ficando